



Universidade de Brasília

Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

Departamento de Administração

Curso de Graduação em Administração a distância

MARIA DE NAZARÉ OLIVEIRA DA SILVA

**Os impactos causados na mulher pela incompatibilidade  
de atividades profissional e familiar**

Manaus – AM

2011

MARIA DE NAZARÉ OLIVEIRA DA SILVA

**Os impactos causados na mulher pela incompatibilidade  
de atividades profissional e familiar**

Monografia apresentada a Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Professora Supervisora: Tatiane Paschoal  
Professor Tutor: Jeferson Roberto Lima Pereira

Manaus – AM

2011

Silva, Maria de Nazaré Oliveira da.

Os impactos causados na mulher pela incompatibilidade de atividades profissional e familiar / Maria de Nazaré Oliveira da Silva. – Manaus, 2011.

46 fl.: il

Monografia (bacharelado) – Universidade de Brasília, Departamento de Administração – EaD, 2008.

Orientador: Prof. Espec. Jeferson Roberto Lima Pereira, Departamento de Administração.

1. Os impactos causados na mulher pela incompatibilidade de atividades profissional e familiar

MARIA DE NAZARÉ OLIVEIRA DA SILVA

**Os impactos causados na mulher pela incompatibilidade  
de atividades profissional e familiar**

A Comissão Examinadora, abaixo identificada, aprova o Trabalho de Conclusão do Curso de Administração da Universidade de Brasília da aluna

**Maria de Nazaré Oliveira da Silva**

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tatiane Paschoal  
Professora-Supervisora

Prof.Espec. Jeferson Roberto Lima  
Pereira  
Professor-Orientador

Prof. MSc Pedro Henrique Melo  
Albuquerque  
Professor-Avaliador

Manaus, 03 de dezembro de 2011

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que permitiu e inspirou a elaboração desse trabalho. A minha família, de modo especial, ao meu esposo Francisco que participou de minhas preocupações e estresses durante todo o processo de estudo e, particularmente, dedico um agradecimento sincero ao meu orientador: Professor especialista Jeferson Roberto Lima Pereira, principal instrumento para a concretização desse trabalho, que com seu carisma especial e paciência nos orientou, motivando-nos e fazendo-nos acreditar que era possível. Agradeço, carinhosamente, aos colegas de turma que foram o nosso maior incentivo.

## RESUMO

O presente estudo apresenta como tema os impactos causados na mulher pela incompatibilidade de atividades profissional e familiar, vivida ao longo dos anos; suas lutas pela conquista de seus direitos, desde o voto, passando pela inserção no mercado de trabalho exercido, concomitantemente com as atividades familiar, gerando duplas e até triplas jornadas de trabalho, culminando num dia-a-dia desgastante e exaustivo, levando risco à sua saúde física e/ou mental, relatado sob a perspectiva de mulheres que trabalham em uma empresa do Pólo Industrial de Manaus, cuja realidade se traduz numa retrospectiva histórica, atualizada.

Palavras-chave: Mulher, trabalho, emancipação, desgaste físico/mental.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                    |    |
|------------------------------------|----|
| Figura 1- Mulher em Movimento..... | 11 |
| Figura 2 – Gráfico.....            | 28 |
| Figura 3 - Mulher em dúvida.....   | 34 |

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 – Faixa etária.....   | 29 |
| Tabela 2 – Grau de instrução.....                                    | 29 |
| Tabela 3 – Remuneração.....  | 30 |
| Tabela 4 – Estado civil.....   | 30 |
| Tabela 5 – Número de filhos.....                                     | 31 |
| Tabela 6 – Inserção no mercado de trabalho.....                      | 32 |
| Tabela 7 – Impactos causados pelo acúmulo/excesso de atividades..... | 33 |
| Tabela 8 – Desgaste físico ou emocional.....                         | 34 |
| Tabela 9 – Tempo para cuidar de si mesma.....                        | 36 |

## SUMÁRIO

|     |   |    |
|-----|---|----|
| 1   | INTRODUÇÃO .....                                    | 08 |
| 1.1 | Contextualização do Assunto.....                    | 09 |
| 1.2 | Formulação do problema.....                         | 12 |
| 1.3 | Objetivo Geral.....                                 | 14 |
| 1.4 | Objetivos Específicos .....                         | 14 |
| 1.5 | Justificativa .....                                 | 14 |
| 2   | REFERENCIAL TEÓRICO.....                            | 16 |
| 2.1 | Apresentar a evolução da mulher trabalhadora.....   | 16 |
| 2.2 | Identificar o Perfil da Mulher trabalhadora.....    | 19 |
| 2.3 | Caracterizar os problemas causados na mulher .....  | 21 |
| 3   | MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA .....                | 25 |
| 3.1 | Tipo e descrição geral da pesquisa .....            | 25 |
| 3.2 | Caracterização da organização, setor ou área .....  | 25 |
| 3.3 | Participantes do estudo .....                       | 26 |
| 3.4 | Instrumentos de pesquisa.....                       | 26 |
| 3.5 | Procedimentos de coleta e de análise de dados ..... | 26 |
| 4   | RESULTADOS E DISCUSSÃO .....                        | 28 |
| 4.1 | Limpeza e Tratamento dos Dados.....                 | 28 |
| 4.2 | Análises dos Resultados .....                       | 28 |
| 5   | CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....                    | 38 |
| 5.1 | Síntese dos Resultados.....                         | 38 |
| 5.2 | Contribuições e Limitações.....                     | 38 |
| 5.3 | Recomendações.....                                  | 40 |
|     | REFERÊNCIAS.....                                    | 41 |
|     | APÊNDICES.....                                      | 43 |
|     | ANEXOS .....  | 44 |

## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar a evolução histórica da mulher trabalhadora no Pólo Industrial de Manaus, em relação as suas conquistas, sua família, seus afazeres domésticos, sua carreira profissional e, os desgastes físicos e emocionais, como conseqüência da sobrecarga de trabalho.

A pesquisa foi realizada com o objetivo de verificar, na atualidade, a situação da mulher no mundo do trabalho, seja remunerado ou não; sua condição de emancipada. Após tantos anos de luta por seus direitos e a conquista de uma posição atuante dentro da sociedade, verificou-se a importância de analisar a vida atual da mulher, confrontada com um passado servil.

Estudos mostram que ao longo da história muitas transformações ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino, motivado principalmente pelo movimento feminista que é o grande responsável pela mudança de mentalidade que vem ocorrendo na sociedade, embora de forma gradativa.

Com a revolução industrial, boa parte da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas. O trabalho que mais se utilizou das mulheres foi na operação de máquinas. De acordo com Torres (2005), aos empresários era muito satisfatório possuir mais mulheres trabalhando do que homens, pois as mesmas aceitavam salários inferiores e faziam o mesmo serviço, aumentando dessa forma os seus lucros. Entretanto, o excesso dessas funções gera complicações desastrosas à saúde física e principalmente mental da mulher, uma vez que ela conseguiu sua inserção no mercado de trabalho, porém continuou acumulando para si todo aparato de responsabilidades doméstico/familiar, provocando um estado de exaustão emocional, em função das diversas jornadas de trabalho enfrentadas no seu dia-a-dia.

Constatamos que a habilidade feminina em ministrar diferentes atividades simultaneamente, incluindo sua afetividade, sensibilidade, percepção aguçada, etc., torna a mulher como um atrativo maior para o mundo do trabalho, pois o que era, antes, considerado fraqueza, atualmente é visto como essência necessária para

alcançar os objetivos nas Organizações. Entretanto, quando voltam para suas casas, se dedicam com a mesma intensidade ao trabalho doméstico/familiar, tendo como consequência um elevado grau de desgastes físico e mental.

Buscando atender os objetivos proposto neste trabalho, sua estrutura está detalhada da seguinte forma: a Contextualização do tema, cujo Objetivo Geral engloba os impactos causados nas mulheres trabalhadoras do Pólo Industrial de Manaus, em função das diversas jornadas de trabalho; os Objetivos Específicos que abordam toda a problemática da pesquisa no que se refere ao objeto pesquisado: a mulher, passando pelo seu perfil econômico-social, sua evolução profissional e familiar, caracterizando os problemas de saúde causados em função das diversas jornadas de trabalho. E por fim as Conclusões e Recomendações que a autora recolheu mediante esse trabalho de pesquisa.

## 1.1 Contextualização

Ao longo da história a mulher foi submetida ao silêncio e muitas vezes impedida de pensar por si mesma. A história filosófica nos conta que o pensar sempre foi considerado um privilégio dos homens, sendo que para a mulher seria permitido ter uma mente e um corpo, mas não os dois simultaneamente, pois a mulher jamais poderia produzir a razão. Em Rousseau, o quinto capítulo do *Emílio* é marcado pela construção de um conhecimento que esvazia a possibilidade da mulher pensar. Segundo ele “elas devem aprender muitas coisas, mas aquelas que lhes convinham saber” (ROUSSEAU citado em STROHER et.al., 2004:228).

A história filosófica trouxe uma associação do fraco com o feminino e do forte com o masculino, onde essa visão negativa do ser feminino, no sentido: de fraqueza, deficiência, limitação, isto é, sua inferioridade frente ao sexo oposto, é fruto de sua própria natureza, é normal, é simplesmente natural, e, segundo os filósofos, nasceu com elas, é imutável. Essa concepção foi internalizada, por todos, inclusive pela própria mulher, ao longo dos séculos, estendendo-se até os dias atuais, onde a mulher tem lutado para transpor esse desafio, de forma gradual, buscando resgatar

sua identidade, através da conquista do direito do voto, da inserção no mercado de trabalho, sem esquecer sua sexualidade e todo o seu contexto familiar e doméstico.

Desde sua origem, o movimento feminista é responsável pela mudança de mentalidade que vem ocorrendo na sociedade, de forma gradativa, onde as mulheres imbuídas de uma luta contínua pela conquista de seus direitos: seja nas áreas política, educacional, jurídica, econômica, familiar, etc., buscam a igualdade para uma vivência humana, livre de padrões opressores. Para Bruschini (1994), o impacto dos movimentos feministas e a presença cada vez mais atuante das mulheres nos espaços públicos, provocaram profundas transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social da mulher, bem como a expansão da escolaridade e o acesso às universidades.

Após o processo de reestruturação produtiva, desencadeado nas últimas décadas do século XX, iniciam as novas tendências do trabalho feminino, trazendo as conseqüentes diferenças e especificações de gêneros, bem como a exploração existente sobre a mulher. A desigualdade salarial, dupla e triplas jornadas, o emprego temporário, o subemprego que vem ocorrendo na feminização do trabalho, acentua a precarização desse espaço, acompanhada da predominância masculina evidenciando uma desigualdade significativa de gênero, provocando um desequilíbrio na divisão do trabalho entre homem e mulher. A feminização do mundo do trabalho é por certo positiva, uma vez que permite avançar o difícil processo de emancipação feminina e desse modo minimizar as formas de dominação patriarcal no espaço doméstico.

Se por um lado o ingresso do trabalho feminino no espaço produtivo foi uma conquista da mulher, por outro, foi marcado pela negatividade da precarização, intensificação e ampliação das formas e modalidades de exploração do trabalho, que ao mesmo tempo emancipa, ainda que de modo parcial, precariza de modo acentuado.

A Organização Internacional do Trabalho - OIT analisa que as mulheres tendem a trabalhar muito mais horas por semana do que os homens, se somarmos a atividade remunerada e a não remunerada e tem como conseqüência menos tempo para o lazer e o sono. Em 2010, a OIT promoveu diversas ações para discutir temas fundamentais para a promoção da igualdade de oportunidades e tratamento no mundo do trabalho, tais como: o equilíbrio entre trabalho e família e a questão do

trabalho doméstico. A convenção 156, trás importantes soluções para a elaboração satisfatória dos trabalhos remunerados e não-remunerados, que promovem o compartilhamento de responsabilidades entre homens e mulheres e a igualdade de oportunidades e a não discriminação de trabalhadores e trabalhadoras com responsabilidades familiares.

Com a feminização do mundo do trabalho e a crescente necessidade de aumento da renda familiar, a mulher passou a desenvolver várias jornadas de trabalho, além de cuidar da casa e da família, também assumiu um papel de profissional, que além de compor a renda familiar contribui para sua realização pessoal e libertadora com relação ao domínio masculino, seja financeiramente ou não.

Entretanto, o excesso dessas funções, gera complicações desastrosas à saúde física e/ou mental da mulher. Embora os estudos mostrem que não há maior incidência na mulher do que no homem que exerce a mesma função, a Síndrome de Burnout apresenta níveis maiores de exaustão emocional nas mulheres, provocada, provavelmente, pelas exaustivas e excessivas jornadas de trabalho enfrentadas no seu dia-a-dia. As mulheres sofrem mais do que os homens com o estresse de uma carreira, pois as pressões do trabalho fora de casa se duplicaram. Elas se dedicam tanto ao trabalho quanto o homem e, quando voltam para casa, instintivamente e necessariamente se dedicam com a mesma intensidade ao trabalho doméstico, fator este que contribui ainda mais para um grande desgaste emocional.



Figura 1

Fonte: [www.mariamariamulheresemmovimento.blogspot.com.br](http://www.mariamariamulheresemmovimento.blogspot.com.br)

Segundo Bianchini (1999), pode-se considerar o trabalho como um dos processos de produção do psiquismo individual, fazendo parte da nossa identidade social, sendo, portanto, um dos produtores da nossa saúde ou enfermidade mental. Quando há coexistência entre trabalho e família se torna incompatível, surge o conflito no qual, sente que o trabalho está roubando um tempo valioso que deveria ser dedicado à família, o que pode, significativamente, ocasionar problemas como a Síndrome de Burnout.

## **1.2 Formulação do problema**

Quais os impactos causados nas mulheres trabalhadoras no segmento do Distrito Industrial de Manaus?

Muitos anos se passaram e muita coisa mudou. O desenvolvimento tecnológico e o crescimento da industrialização fizeram a história mudar e contribuíram para a inserção da mulher no mercado de trabalho. A habilidade feminina em ministrar diferentes atividades simultaneamente é um fato. As mulheres atualmente utilizam seus talentos para enfrentar desafios em diferentes áreas profissionais.

A partir do século XIX a educação de homens e mulheres começa a se intensificar, trazendo para as escolas outras disciplinas que contribuíram para o desenvolvimento dos mesmos. Deste período em diante a mulher passa a ser vista de outra maneira, seu perfil muda a torna um ser em construção, na busca de realização e desenvolvimento de outras potencialidades.

Mesmo com tudo isso, as diferenças e as desigualdades em relação aos homens ainda estavam aparentes, principalmente no que diz respeito à educação. As mulheres, por exemplo, não podiam freqüentar uma faculdade, isso era direito garantido apenas ao sexo masculino

Antes de tudo é de fundamental importância entender o que é trabalho para poder melhor compreendermos de que forma se deu a inserção da mulher nesse mundo conforme descreve Max:

O trabalho é o processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põem em movimentos as forças naturais de seu corpo, braços e pernas, cabeça e mãos, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza, imprimindo-lhes forma útil a vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica sua própria natureza. Desenvolve as potencialidades nela adormecidas e submete ao seu domínio o jogo das forças naturais. (MAX,APUT BRAZ, 2005).

A introdução da mulher no Mercado de Trabalho se deu com a I e II Guerra Mundial (1914 – 1918 e 1939 – 1945), quando os homens iam para as batalhas e as mulheres passavam a assumir os negócios da família e a posição de seus maridos no Mercado de Trabalho.

Não só pela época das Guerras, mas também, com a consolidação do Sistema Capitalista, no século XIX, muitas mudanças ocorreram na produção e na organização do trabalho feminino. Com a revolução industrial, boa parte da mão-de-obra feminina foi transferida para as fábricas. O trabalho que mais se utilizou das mulheres foi na operação de máquinas. Aos empresários era muito satisfatório possuir mais mulheres trabalhando do que homens, pois, as mesmas aceitavam salários inferiores e faziam o mesmo serviço, aumentando dessa forma os seus lucros.

Em razão disto, as mulheres sujeitavam-se a jornadas de trabalho de 14 a 16 horas por dia, com salários baixos, trabalhando na maioria das vezes em condições prejudiciais a saúde e cumprindo obrigações além das que lhes eram postas em acordo. Outro fato bastante triste, mas de extrema importância em ser citado era o que ocorria na Zona Franca de Manaus com as mulheres trabalhadoras do chão de fábrica, isso aconteceu de uma maneira bastante ríspida da seguinte forma:

A política sexista, deflagrada pelas empresas aqui investigadas e viabilizada pelos empregados do sexo masculino que assumiam cargos hierárquicos, foi conduzida por mecanismos de incentivos aos relacionamentos amorosos entre colegas da mesma fábrica e pela prática de assédio sexual ostensiva, ainda que de forma informal e sub-reptícia: ou as operárias assediadas entravam no jogo e correspondiam a sedução dos supervisores e gerentes de produção, ou eram despedidas do emprego. (TORRES, 2005, p. 28).

A mulher permitia que isso acontecesse por medo de perder o emprego e não ter como ajudar nas despesas da família. Além de toda essa carga a que era submetida, ao chegar a casa ainda tinha seus afazeres domésticos e cuidava dos filhos, não tinha o mínimo de cuidado durante sua fase de gestação, tão pouco na

amamentação, os empresários só se preocupavam com números, cálculos exatos, enfim com o lucro, não queriam saber do lado humano, do que realmente elas possuíam e precisavam.

### **1.3 Objetivo Geral**

Demonstrar os impactos causados nas mulheres trabalhadoras do Pólo Industrial da Zona Franca de Manaus, em função das diversas jornadas de trabalho.

### **1.4 Objetivos Específicos**

1. Apresentar a evolução da mulher trabalhadora no pólo da Zona Franca de Manaus, ao longo da história;
2. Identificar o perfil das mulheres que trabalham no pólo industrial da Zona Franca de Manaus; e
3. Caracterizar os problemas causados na mulher no chão da fábrica e em função das diversas jornadas de trabalho.

### **1.5 Justificativa**

O presente trabalho tem o objetivo de mostrar a evolução histórica da vida da mulher, em relação as suas conquistas, sua família, seus afazeres domésticos, sua carreira profissional e os desgastes físicos e emocionais, como consequência da sobrecarga de trabalho.

Pessoas que fazem parte de grupos marginalizados como mulheres, negros, índios entre outros, sempre tiveram suas identidades construídas pelo “outro” e, portanto, só podem vir a se representar através da recuperação de suas histórias.

As características próprias das mulheres, tais como: fragilidade, intuição, abnegação, sensibilidade, etc., acabaram por serem vistas como parte da natureza feminina. Porém, a definição dessa identidade sempre caminhou paralelamente com uma maciça discriminação, haja vista que foram negadas às mulheres todas as capacidades socialmente valorizadas e que sempre garantiram a primazia dos homens na vida pública, ou seja, perspicácia intelectual, pensamento lógico, capacidade e interesse profissionais e políticos eram traços ligados aos homens e sempre foram vistos como antifemininos, afastando as mulheres das esferas de poder e influencia social.

Analisar a mulher com o intuito de identificar sua trajetória, os avanços e retrocessos desde os séculos passados, rompendo as barreiras do universo feminino, dentro de seus estilos próprios, tendo como base um mundo repleto de conflitos e lutas para mostrar quem ela é na atualidade, é realmente um desafio. Embora, romântica e feminina a mulher foi capaz de lutar, romper com preconceitos, quebrar tabus e padrões convencionais, buscando conquistar sua liberdade.

Dentro das limitações femininas com relação aos papéis de esposa, mãe, educadora e com a inserção dessa mulher no mercado de trabalho, sem grandes dificuldades, foi-lhe incluído um novo papel: o de trabalhadora e pessoa com uma carreira profissional.

O que se pode observar, na prática, é que a mulher apesar de ter incorporado um novo papel, o de profissional interessada e competente, nada mudou ou mudou pouco, pois as atribuições da mulher continuaram, isto é, todos os encargos com a casa e a família não foram substancialmente alterados, mas sim ampliados para incluir este novo papel da mulher; assim sendo: suas funções foram multiplicadas. Portanto o trabalho justifica-se por ser de grande relevância para a sociedade como um todo, bem como para nós acadêmicos, pois demonstra de forma bem explícita que por trás da fragilidade feminina, existe alguém forte e talentosa, porém sobrecarregada que necessita de muitos cuidados e apoio.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Apresentar a evolução da mulher trabalhadora do pólo da Zona Franca de Manaus, ao longo da história**

Desde os primórdios da humanidade que as mulheres vêm sendo oprimidas, silenciadas, preteridas, julgadas, subjugadas, marginalizadas, violentadas, sacrificadas, assassinadas. Segundo Diniz, 1999, a natureza frágil e misteriosa das mulheres foi, incontáveis vezes, utilizada para justificar o rígido controle sobre elas. A partir do século XIX e XX é que essa subalternidade começou a ser verdadeiramente questionada. Muitas teorias feministas surgem para explicar e para promover mudanças na condição de vida das mulheres.

O feminismo é uma filosofia que aspira a equivalência dos direitos e das oportunidades entre homens e mulheres. As várias linhas feministas – radicais, liberais, socialistas, marxistas e anarquistas, entre outras – divergem em muitas questões, mas entre elas uma idéia parece ser consenso: a dominação de gênero, classe, raça/etnia tem perpassado várias sociedades ao longo do tempo e essas formas de opressão servem de base para outras práticas discriminatórias; tais como: o racismo, a homofobia, a exclusão de grupos minoritários, etc. Além da importância social que os grupos feministas sempre exerceram sobre a condição das mulheres, muitos estudos e pesquisas foram realizados, inaugurando uma nova forma de fazer ciência: política e comprometida (Marta Narvaz e Silvia Koller, 2006). O feminismo contemporâneo ressurgido nas décadas de 1960 e 1970, ao contrário de atestar a igualdade entre os sexos, busca valorizar a diversidade, a especificidade, a experiência, a heterogeneidade e a pluralidade entre as mulheres.

Segundo Torres (2005, p.152), com o advento da absorção da mão-de-obra feminina pelo capital no final do século XVIII e início do século XIX, os corpos femininos passam a adquirir novos significados como locus da força de trabalho. Essa força de trabalho livre e disponível em quantidade e qualidade era agora reabilitada pelas forças do mercado. Kergoat (1986, p.84) considera que esse não reconhecimento da necessidade de qualificação profissional para as mulheres, deve-

se à chamada música feminina que ressoa “como socialmente legítimo, visto que essas qualidades são julgadas como devendo ser inatas, e não adquiridas; serem fatos de natureza e não de cultura”.

Segundo informação de um ex-gerente da Sharp do Brasil, a empresa formava do jeito que ela achava conveniente e, o mais interessante era pegar pessoas sem vícios. Nota-se que o corpo feminino passa a ser propriedade do capital, pronto para ser moldado e adestrado no processo de trabalho e, assim, atender a uma nova dinâmica da produção social. As habilidades femininas consideradas inatas têm um efeito reforçador da opressão e da exploração, além de se constituírem num terreno fértil para a formação dos corpos dóceis, supostamente fáceis de serem adestrados pelo capital. Essa perspectiva abre caminho, tanto para os homens quanto para as mulheres, para uma análise sexuada das práticas sociais (Kergoat, 1986, p.88).

Os gerentes de recursos humanos das empresas mostradas têm consciência quanto ao fato do desempenho da mulher ser superior ao desempenho do homem na indústria eletroeletrônica. Para o Gerente da Philips, esta configuração se estabelece porque a mulher, segundo ele, é mais emoção, ela sempre olha a atividade de uma forma diferente, com mais carinho. Ela é mais produtiva para a empresa (Ronaldo Ibrahim, 2002). Jurandir Gaiotto acrescenta que em principio a mulher é mais delicada do que o homem, ela é mais tranqüila e não se irrita com facilidade. A mulher tem delicadeza nas mãos e a paciência de quem faz crochê. Ari Tavares conclui que a mulher amazonense é uma guerreira, se pode contar com ela a qualquer hora, elas estão bem à frente dos homens, são mais progressistas, se envolvem mais com a atividade da empresa. Os homens são bem mais acomodados em relação à mulher na atividade produtiva (gerente da gradiente, 2002).

Não precisamos recorrer a lentes de aumento para termos, nas entrelinhas da historia, que a revitalização da figura da mulher no processo produtivo esconde uma face perversa das relações de poder intercapitalistas, que se apropriam da chamada mística feminina, centrada num “imaginário social construído em torno do que é definido por natureza feminina” (Neves, 1994, p.65). Deve-se notar que a divisão sexual do trabalho não esgota a noção de relações de trabalho transpassadas pelo corte de gênero.

As relações de trabalho sexuadas comportam construções culturais e históricas, interdependentes e complementares. Para Souza-Lobo, 1992, as relações entre homens e mulheres são vividas e pensadas enquanto relações entre o que é definido como masculino e feminino: o gênero. É assim que a divisão sexual do trabalho entra em inflexão enquanto conceito absoluto das determinações entre os sexos, passando a ser um dos muitos lócus das relações de gênero.

A indústria capitalista espreada na zona Franca de Manaus prevalecia-se dos significados culturais do universo feminino, a ponto de introduzir as mulheres no processo produtivo sem qualquer treinamento prévio. O trabalho industrial era produzido através de uma rede de sentidos que parecia dispensar a capacitação profissional, aspecto negligenciado não só pelo capital, mas também pelas políticas públicas brasileiras.

Os caminhos percorridos pelas estruturas de poder do capitalismo avançado seguiram a trilha da re-criação de formas históricas e culturais das relações de trabalho, numa interação social que envolve subjetividades e não apenas os guetos de segregação dos papéis sociais. Para Souza-Lobo, 1992, quando a relação de trabalho se cristaliza ou se universaliza, as estratégias empresariais e as práticas de trabalho tornam-se efeitos de lógicas abstratas, apenas adjetivadas pela vida cotidiana. Isto não significa dizer que o trabalho das mulheres deixe de ter um cunho residual, colocando-se à margem do trabalho masculino. Referimo-nos a um processo de hierarquização de valores fundados nas relações de poder, sob a “mão invisível” da dominação andocêntrica, como regra, sobre o trabalho feminino como exceção.

Influenciadas por uma política de atração da força de trabalho feminina para o trabalho industrial, cuja propaganda fundada no mito do Novo Eldorado, dava garantia de prosperidade e mudança radical na qualidade de vida daquelas que deixassem seus locais de origem para trabalhar no Distrito Industrial de Manaus, muitas mulheres deixavam o trabalho doméstico para empregar-se no trabalho fabril, porque em casa de família se ganha pouco e não tem perspectiva de futuro.

As mulheres que se deslocavam de seus locais de origem para concluir seus estudos acabaram vindo para Manaus em função do atrativo da Zona Franca e da excessiva carga de propaganda em torno do trabalho fabril veiculada pelo poder

local. Também a faixa salarial da indústria era superior a do comércio e a dos demais tipos de atividades de baixa qualificação na cidade de Manaus.

Ainda que posteriormente algumas delas tenham se deparado com o desencanto no percurso de sua experiência no Distrito Industrial de Manaus, elas reconhecem que o trabalho no chão da fábrica foi extremamente importante para construírem-se como sujeito coletivo no âmbito da afirmação da cidadania. É sobretudo a consciência do ser político que ajuda essas mulheres a superarem a angústia de uma vida feita de duras obrigações de trabalho (Pacífico, 1986.p.166).

Segundo Torres, 2005, a imagem da mulher independente, a procura de si mesma e de sua felicidade, é fortemente associada ao trabalho fabril desde os primórdios da industrialização, que reproduz e reintroduz formas assimétricas das relações de gênero em vários sentidos, mas não se pode negar que ela trouxe expectativas de emancipação para as mulheres. Enfim, a inserção das mulheres no processo de trabalho fabril era fundamental para garantir a sua autonomia financeira e deixar de ser tratada de forma tirânica pelo homem detentor do poder econômico.

## **2.2 Identificar o perfil das mulheres que trabalham no pólo industrial da Zona Franca de Manaus**

A assimetria salarial é marcadamente, um elemento que se impõe à perspectiva de subordinação de gênero no processo produtivo. Segundo Torres-2005, o aspecto sexuado da divisão de tarefas não esgota em si mesmo toda a desigualdade entre homens e mulheres no espaço fabril. Há todo um conjunto de elementos que definem a relação de dominação de gênero nas relações de trabalho, tais como desqualificação profissional das mulheres, os seus baixos salários e a disciplina de trabalho a que são submetidas. No Brasil as tarefas femininas são consideradas desqualificadas, os salários femininos são 50% inferiores aos salários masculinos (Souza-Lobo, 1991). A justificativa para os baixos salários das mulheres tem seus fundamentos na perspectiva de discriminação do trabalho feminino, visto como subsidiário e como um complemento à renda familiar.

As estatísticas têm mostrado que cresce a cada dia o índice de mulheres chefes de famílias, as quais dispõem unicamente dos seus salários para prover as

necessidades de suas famílias. As famílias chefiadas por mulheres estão localizadas nas camadas pauperizadas da sociedade, justamente porque essas mulheres têm capacidade de ganho mais baixo do que os homens e não porque ganhem menos que outras mulheres (Butto, 1998). São mulheres que possuem um baixo nível de escolaridade e com idade superior aos homens que exercem a mesma função; em geral elas estão inseridas nos postos de trabalho precarizados como os serviços de limpeza e conservação; serviços informais no âmbito da costura e do comércio ambulante.

O Censo de 1970 revelou que 80% da força de trabalho feminina estavam alocadas nos postos de trabalho das empregadas domésticas, trabalhadoras rurais, professoras primárias, costureiras, comerciárias, atendentes de saúde, auxiliares de escritório e operárias têxteis.

Das mudanças sociais processadas na atualidade em relação à ascensão de mulheres chefes de família, uma delas deve ser observada. Trata-se do processo de inversão de papéis sociais no âmbito das relações de poder no lar. O padrão de autoridade e hierarquia masculina entra em declínio e, ainda que as responsabilidades e a distribuição de tarefas sejam, algumas vezes, divididas entre o casal, é a mulher que cabe decidir os destinos da família, ou seja, é a inversão de papéis sociais no âmbito das relações de poder no lar, recaindo sobre a mulher a maior parcela do trabalho.

Grande parte do contingente da mão-de-obra feminina do Distrito Industrial de Manaus está concentrada no setor de montagem de produtos. Na linha de montagem é executado um trabalho manual considerado monótono e sem criatividade, em face da sua natureza mecanizada. (Souza-Lobo, 1991).

Na fase inicial da zona Franca, o setor de produção não tinha esteira ainda, o conhecimento da máquina implica um saber prático, uma mecânica, os homens pegavam os televisores da linha e levavam para o eixo, depois o levavam para o estoque, ou seja, os homens faziam a parte de habilidade, um conhecimento adquirido. As empresas priorizavam o sexo masculino para treiná-lo e qualificá-lo no manuseio das máquinas, preterido as mulheres. As operárias não dispunham do auxílio de máquinas ou ferramentas. (Souza-Lobo, 1991)

As mãos constituíam-se no principal instrumento de trabalho no processo fabril eletroeletrônico. A prevenção de acidentes de trabalho foi uma das primeiras reivindicações dos operários no chão de fábrica que, através da representação política das CIPA's (Comissão Interna de Prevenção de Acidentes). Para Silva

(1993), o capital penaliza muito mais as mulheres do que os homens e os riscos de acidentes e descasos com a vida humana no processo fabril já estavam colocados em forma de denúncia desde o início do século XX.

A faixa etária das mulheres contratadas pela indústria eletroeletrônica no PIM era de 15 a 25 anos. O grande contingente era constituído por muitas adolescentes. Ainda que essas mulheres não possuíssem qualquer experiência no âmbito do trabalho industrial, elas eram recrutadas pelo capital no meio rural em função do seu comportamento contido e submisso, estrategicamente importante para as forças de mercado. Segundo Silva (1993), não há barreiras culturais intransponíveis para o capital.

### **2.3 Caracterizar os problemas causados na mulher no chão da fábrica e em função das diversas jornadas de trabalho.**

O capitalismo só aceita o corpo que trabalha. Torna-se dispensável ao capital um corpo doente, incapacitado ou que apresente dificuldades em sua condição laborativa, como é o caso da gravidez em estado avançado (Silva, 1993). Dejours (1992) é enfático ao considerar que o capital opera com "a vergonha instituída que, como sistema constitui uma verdadeira ideologia elaborada coletivamente, uma ideologia defensiva, contra uma ansiedade precisa, a de estar doente, ou mais exatamente, de estar num corpo incapacitado".

A subordinação da mulher acompanhada de um processo de violência psíquica é exercida em condições tirânicas nas indústrias do pólo industrial de Manaus. Assim como todas as relações industriais do capitalismo avançado em relação ao trabalho da mulher, as fábricas locais contratam verdadeiros feitores para colocar em curso a sua política de depreciação moral das mulheres operárias.

Neste sentido Torres (2005) confirma estes fatos quando descreve que aproximadamente 40% das operárias entrevistadas em 2001 no PIM, afirmaram ter passado por experiências de violência psíquica, sob o jugo facínora de um chefe de produção de nome Ramon, nacionalidade espanhola; onde ele passou por várias

empresas do Distrito Industrial de Manaus, "utilizando métodos terríveis de humilhação às pessoas, chamando as mulheres de prostitutas, que não prestavam atenção, fato visto pela diretoria das empresas como normal (RICARDO MORAES, 2001).

Todas essas operárias foram unânimes em afirmar que elas não poderiam chegar com sono na fábrica, em decorrência de problemas de saúde com seus familiares, com ela própria, ou até mesmo demonstrar exaustão em função dos diversos afazeres domésticos enfrentados em seu dia-a-dia. Caso elas demonstrassem sonolência, era acusada de estar na vadiagem sexual durante a noite.

Neste sentido, Dejours (1992, p.32) explicita que "o capital não tolera a moleza do corpo, ele é submetido ao critério de produtividade de forma rigorosa, seja gravidez ou a doença, tudo deve ser recoberto de silêncio". Deve-se ignorar as manifestações do corpo, não se pode diminuir a produção em função de problemas orgânicos como depressão, dor de cabeça e sono.

Diante desses fatos, a mulher não existe enquanto indivíduo, ela existe enquanto corpus de produtividade. A discriminação reproduzida no interior das fábricas através do controle e do arbítrio, alimenta-se na fonte da submissão natural mantida pelo autoritarismo e pela violência,

Para Doaré (1986, p. 60), "o trabalho da máquina não traz nenhuma forma de liberação pois, em se mantendo os estereótipos sexuais dos papéis, a mulher não melhora seu estatuto social". Para além da condição de exploração física, a fábrica constitui-se num espaço de reafirmação da condição subalterna da mulher tal como ela é vivida em outras esferas sociais.

A autora sustenta ainda que a organização do trabalho pode comprometer o equilíbrio psicossomático da mulher operária, deixando-a tensa, nervosa e depressiva ao ponto de chorar no banheiro, na linha de montagem, ficar deprimida e aguentar calada com medo da demissão. Para Dejours (1992), há aqui um círculo vicioso e sinistro do sistema Taylor, no qual o comportamento condicionado, e o tempo recortado pela disciplina virulenta do trabalho formam uma verdadeira síndrome psicopatológica.

Os trabalhadores submetidos ao regime taylorista têm maior propensão à depressão, em face da fadiga dos esforços musculares e psicossensoriais. Não se pode negar que o estado de depressão, angústia e o desânimo é precipitado pelas relações de poder autoritárias no chão de fábrica. A ideia de depreciação da mulher na indústria eletroeletrônica está associada a uma política de invisibilidade e rebaixamento ou diminuição da força feminina no espaço fabril, haja vista que "a vivência depressiva condensa de alguma maneira os sentimentos de indignidade, de inutilidade e de desqualificação, ampliando-os" (DEJOURS, 1992, p. 49)

Os autores Dejours (1992); apud Torres (2005) descrevem ainda que, a cadência do trabalho repetitivo, acelerado e pressionado tem fortes implicações na saúde do trabalhador homem e mulher, estando, pois, em risco a sua saúde física e psíquica. Outra questão em face da depreciação moral da mulher operária, a depreciação de sua saúde e do grau de subordinação a que são submetidas, elas também pagam com favores sexuais.

Com efeito, deve-se notar que a política de depreciação é mitigada por um processo maior que visa atingir todo o ser da mulher. Além de ignorar e fazer "vistas grossas" ao problema orgânico que as trabalhadoras apresentam, as empresas permitem o tratamento abusivo no chão de fábrica. O estado depressivo e angustiante que circunda a vida dessas mulheres e, conseqüentemente, a deterioração de sua saúde, levam-nas a pagarem um preço muito alto pela sua pseudo-emancipação.

A dupla e até tripla jornada de trabalho que faz com que as mulheres assumam, ao mesmo tempo, o papel de trabalhadora, mãe, dona de casa e estudante, não é um componente que lhe assegure igualdade de condições de trabalho e salário. Pelo contrário, essa sobrecarga de trabalho, faz com que a mulher seja aniquilada ao papel de trabalhadora sob o peso da análise machista e dominadora dos homens.

A Organização Internacional do Trabalho avalia que a participação das mulheres no mercado de trabalho remunerado cresceu significativamente, mas sua parte no trabalho doméstico não-pago é desproporcional. As mulheres tendem a trabalhar muito mais horas por semana do que os homens, se somarmos a atividade remunerada e a não remunerada, e têm como conseqüência menos tempo para o

lazer e o sono. O ambiente de trabalho inadequado, a insatisfação com o emprego, os baixos salários e as horas extras, contribui para o aumento do estresse e somatizam doenças físicas e mentais por desgastes no trabalho.

Como bem analisa Beauvoir (1967, p.450) quando descreve que: em sua maioria, os trabalhadores são hoje explorados. Por outro lado, a estrutura social não foi profundamente modificada pela evolução da condição feminina; este mundo, que sempre pertenceu aos homens, conserva ainda a forma que eles lhe imprimiram.

### **3 MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA**

#### **3.1 Tipo e descrição geral da pesquisa**

Quanto à natureza da pesquisa, foi realizada utilizando a metodologia descritiva, qualitativa, procurando analisar a situação física e emocional das mulheres trabalhadoras do Pólo Industrial de Manaus, frente ao trabalho contínuo a que são submetidas.

#### **3.2 Caracterização da organização, setor ou área do objeto de estudo**

A empresa pesquisada está localizada no Pólo Industrial de Manaus. É uma empresa caracterizada como uma unidade de negócio autônoma e é líder mundial em design, fabricação, distribuição, entrega de serviços pós-venda de produtos industriais, médicos, computadores, telecomunicações e consumer digital, entre outros. Desde sua fundação tem como principal atividade-fim a produção de peças plásticas de injetadas, incluindo processos de acabamento, tais como pintura, tampografia, serigrafia e sub-montagens inerentes aos processos.

A empresa também tem experiência em operações eletroeletrônica, principalmente na linha de placas eletrônicas, câmeras digitais e adaptadoras para notebooks. Sua força de trabalho conta, atualmente, com aproximadamente 1000 colaboradores diretos. Tem como marco inicial de sua jornada rumo a Excelência na Gestão empresarial o lançamento do Programa Visão de Futuro, cuja finalidade era gerar o entendimento e a conscientização dos fatores que afetam a organização, seu ecossistema e o ambiente externo no curto e no longo prazos, visando a perenização e sucesso da empresa. As pessoas integrantes da força de trabalho

são os colaboradores, como são chamados os funcionários, é o maior diferencial competitivo da empresa e são tratados como seres humanos, cidadãos que voluntariamente optaram por investir seus dons, talentos e competências na empresa, por acreditarem em sua Missão, Visão e Valores.

### **3.3 Participantes do Estudo**

A pesquisa foi realizada com 50 (cinquenta) trabalhadoras de uma empresa do Pólo Industrial de Manaus, sendo direcionada especificamente a mulheres lotadas nas áreas técnica e administrativa, com nível de escolaridade entre médio e superior. A faixa etária que concentra maior número de mulheres está entre 18 a 35 anos, representando 92% das entrevistadas, cuja faixa salarial mensal representada, em sua grande maioria (56%), está entre dois a três salários mínimos. Trata-se de mulheres casadas e solteiras, das quais 56% têm filhos.

### **3.4 Instrumentos de pesquisa**

A pesquisa de campo foi realizada através da aplicação de questionários, contendo 15 (quinze) questões, das quais 07 (sete) foram perguntas fechadas, apresentando o perfil sócio-econômico das entrevistadas, informando idade, grau de instrução, remuneração, estado civil e número de filhos, e, as demais questões, abertas, expressando a percepção das mulheres e as conseqüências geradas pelo desafio diário de tentar conciliar suas atividades profissional e familiar, partindo do processo de inserção no mercado de trabalho, os impactos causados pelo acúmulo/excesso de funções e as possíveis conseqüências que levam ao desgaste físico/emocional, causando sérios transtornos à saúde da mulher.

### **3.5 Procedimentos de coletas e análise de dados**

Não foi possível tratar diretamente com cada mulher. Contatamos com a chefia dos setores pesquisados na empresa, orientamos e explicamos os objetivos

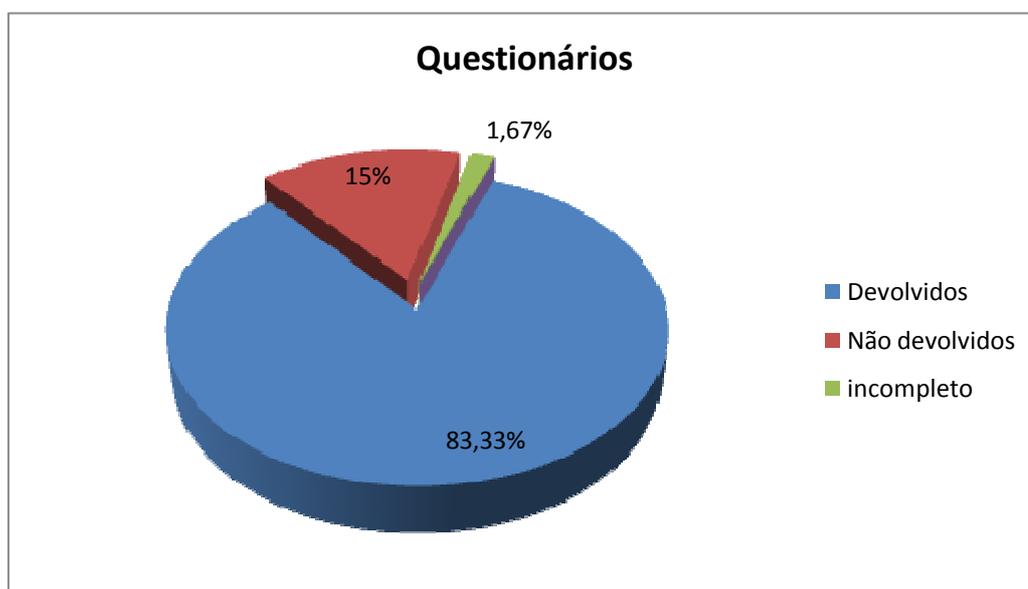
do estudo, informamos que não seria necessária identificação pessoal e pedimos sugestão de tempo para retorno e coleta do material. Foram-nos dado 15 (quinze) dias para retorno, uma semana para cada setor, haja vista que a distribuição seria gradual, conforme a disponibilidade das mulheres dentro de seus respectivos setores. Solicitamos que não fossem levados para casa, haja vista que poderia ser esquecido ou sofrer influencia de fora contexto.

A análise os dados coletados foi realizada através de estatística exploratória, por meio de tabelas e gráficos, tabulados de forma seqüencial, para promover melhor identificação das variáveis que representam as relações de causa e efeito, a fim de mensurar as probabilidades de ocorrências do objeto do estudo realizado.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.1 Limpeza e tratamento dos dados

Dos 60 (sessenta) questionários distribuídos, conseguimos recolher 51 (cinquenta e um), sendo que destes um estava com o preenchimento incompleto. Portanto, do universo de 60 mulheres conseguimos envolver na pesquisa 50 delas, somando um percentual correspondente a 83,33% do total de pessoas pesquisadas.



Fonte: Dados de Campo, 2011.

### 4.2 Análises dos resultados

Neste capítulo serão analisados os resultados da pesquisa realizada junto às mulheres que trabalham no Pólo Industrial de Manaus, lotadas nos setores técnico e administrativo da empresa AAFN da Amazônia Ltda., cujo perfil social está descrito nas tabelas abaixo, com o objetivo de mostrar a realidade atual, do dia-dia vivido pela mulher que, ao longo dos tempos, lutou pela conquista de um direito já garantido na Constituição Federal em seu artigo 5º:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à

segurança e à propriedade nos termos seguintes: homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações... ninguém será submetido à tortura nem a tratamento desumano ou degradante... é livre a manifestação de pensamento, sendo vedado o anonimato (CF, 5ª Ed.,2005)

Serão apresentados nas tabelas abaixo, os dados colhidos na pesquisa de campo, especialmente no que se refere ao acúmulo de funções. Os registros nos questionários foram feitos pelas próprias mulheres, os quais foram analisados dentro dos objetivos propostos no trabalho de pesquisa.

**Tabela 01 – faixa etária**

| <b>Idade</b>    | <b>Quant</b> | <b>%</b>    |
|-----------------|--------------|-------------|
| De 18 a 25 anos | 14           | 28%         |
| De 26 a 35 anos | 32           | 64%         |
| De 36 a 45 anos | --           | 00%         |
| Mais de 45 anos | 04           | 08%         |
| <b>Total</b>    | <b>50</b>    | <b>100%</b> |

**Fonte:** dados de campo, setembro/2011

No quadro de idade observamos que a grande maioria das trabalhadoras se encontra numa faixa etária intermediária, ou seja, entre 26 a 35 anos, fator que pode ser explicado em função de que a pesquisa ocorreu na área técnica e administrativa da empresa, onde a maioria das participantes já possui o curso superior completo.

**Tabela 02 – grau de instrução**

| <b>Escolaridade</b> | <b>Quant</b> | <b>%</b>    |
|---------------------|--------------|-------------|
| Ensino médio        | 16           | 32%         |
| Superior incompleto | 14           | 28%         |
| Superior completo   | 20           | 40%         |
| <b>Total</b>        | <b>50</b>    | <b>100%</b> |

**Fonte:** dados de campo, setembro/2011

O índice expressivo com relação ao grau de instrução de nível superior pode ser explicado em virtude de que a pesquisa foi realizada com mulheres lotadas em áreas onde há maior concentração de pessoas com níveis profissional e intelectual mais elevados.

A expansão da escolaridade e o acesso às universidades são fatores importantes no que diz respeito a profundas transformações nos padrões de comportamento e nos valores relativos ao papel social das mulheres, uma vez que buscam a igualdade para uma vivência humana, livre de padrões opressores (Bruschini, 1994),

**Tabela 03 – remuneração**

| <b>Renda</b>       | <b>Quant</b> | <b>%</b>    |
|--------------------|--------------|-------------|
| De 2 a 3 salários  | 28           | 56%         |
| De 3 a 5 salários  | 14           | 28%         |
| Mais de 5 salários | 08           | 16%         |
| <b>Total</b>       | <b>50</b>    | <b>100%</b> |

**Fonte:** dados de campo, setembro/2011

Com base na demonstração da tabela podemos observar que a média salarial das mulheres que estão lotadas nas áreas pesquisadas está entre dois a três salários mínimos, tendendo sempre a um acríve para faixa de 3 a 5 salários, com percentual bastante significativo.

**Tabela 04 – estado civil**

| <b>Estado civil</b> | <b>Quant</b> | <b>%</b>    |
|---------------------|--------------|-------------|
| Solteira            | 28           | 56%         |
| Casada              | 22           | 44%         |
| Separada/divorciada | --           | 00          |
| <b>Total</b>        | <b>50</b>    | <b>100%</b> |

**Fonte:** dados de campo, setembro/2011

Das pessoas pesquisadas, um total de 28 mulheres são solteiras, sendo que 10 dentre essas tem filhos, restando um número de 22 com estado civil declarado casadas. Surpreendeu-nos, portanto, o fato de não haver mulheres consideradas separadas/divorciadas, o que nos leva a crer que as mudanças ocorridas no papel da mulher, ao longo dos anos, onde ela deixou de cuidar somente dos filhos em casa para trabalhar fora, seja por pressões econômicas como também sociais; tornando-a independente e atuante, possibilitando o crescimento do poder aquisitivo, levou-a a chefiar suas próprias famílias, como única provedora, onde a figura paterna não existe ou é mero “adorno”, presente apenas na certidão de nascimento, uma vez que não arca com nenhuma ou quase nenhuma responsabilidade familiar.

A realidade social, atualmente, no que tange a constituição das famílias brasileiras ainda é nuclear (pai, mãe e filhos), mas esse tipo de estrutura vem perdendo espaço para o esquema matrifocal (mães solteiras ou separadas), conforme observamos nas tabelas 04 e 05.

Pesquisa efetuada pelo IBGE (2000) mostra que 26% das famílias são chefiadas por mulheres, ou seja, uma em cada quatro famílias é chefiada por uma mulher.

**Tabela 05 – tem filhos - com babá/empregada**

| <b>Filhos</b>          | <b>Quant</b> | <b>%</b>    |
|------------------------|--------------|-------------|
| Sim                    | 16           | 32%         |
| Sim/com babá           | 06           | 12%         |
| Sim/com empregada      | 02           | 04%         |
| Sim/com empregada/babá | 02           | 04%         |
| Sim/creche             | 02           | 04%         |
| Não/diarista           | 02           | 04%         |
| Não                    | 20           | 40%         |
| <b>Total</b>           | <b>50</b>    | <b>100%</b> |

**Fonte:** dados de campo, setembro/2011

Na tabela correspondente aos filhos podemos observar que 32% de mulheres têm filhos e só contam com ajuda de familiares ou mesmo pessoas de boa vontade para ajudá-los, como exemplo podemos citar o caso de uma mulher que deixa o filho na casa de uma “senhora”. Vale ressaltar que dentre as mulheres entrevistadas, um universo de 40% não tem filhos, provavelmente, por se tratar de pessoas com um nível educacional mais elevado e, conseqüentemente, mais esclarecidas, haja vista alguns comentários: “estamos adiando nossos projetos familiares, a fim de obter melhor estabilidade financeira” (colaboradora pesquisada, out/2011).

**Tabela 06 – inserção no mercado de trabalho**

| <b>Indep/Liberd/autonomia</b> | <b>Quant</b> | <b>%</b>    |
|-------------------------------|--------------|-------------|
| Sim                           | 28           | 56%         |
| Não                           | 06           | 12%         |
| Em parte                      | 16           | 32%         |
| <b>Total</b>                  | <b>50</b>    | <b>100%</b> |

**Fonte:** dados de campo, setembro/2011

A quase unanimidade em afirmar que a inserção no mercado de trabalho trouxe independência, liberdade e autonomia para suas vidas, demonstra o quanto a mulher considera valiosa as lutas pela conquista de seu espaço e o quanto é digno ter nas mãos suas próprias possibilidades, tomar iniciativa/decisão, planejar, participar e executar seus próprios projetos de vida e, na sua fragilidade, ou melhor, na sua sensibilidade feminina, sendo influenciada, mas principalmente influenciando o ambiente em que está inserida, protagonizando profundas mudanças no decorrer da história da humanidade, permitindo, por certo, avançar o difícil processo de emancipação.

**Tabela 07 – impactos causados pelo acúmulo/excesso de atividades**

| <b>Família/estudo/trabalho</b> | <b>Quant</b> | <b>%</b>    |
|--------------------------------|--------------|-------------|
| Estresse                       | 26           | 52%         |
| Desestruturação familiar       | 08           | 16%         |
| Interrupção dos estudos        | 02           | 04%         |
| Falta de tempo                 | 12           | 24%         |
| Falta qualid.trab/est/fam      | 02           | 04%         |
| <b>Total</b>                   | <b>50</b>    | <b>100%</b> |

**Fonte:** dados de campo, setembro/2011

Esta estatística foi a mais difícil de tabular, haja vista que as mulheres não relataram um fato, uma causa, mas desabafaram diversas situações semelhantes ocorridas no seu dia-dia, seja no ambiente familiar, do trabalho ou em qualquer outra área de suas vidas. Destacamos as consideradas mais significativas, como por exemplo: o estresse como tal e, também, subtendido em diversas formas de manifestação, tais como: irritabilidade, cansaço físico e mental, desmotivação, exaustão, incompreensão, distanciamento, brigas, ou seja, cobrança por todos os lados a partir da própria família.

Segundo a endocrinologista Dolores Pardini, do Departamento de Endocrinologia Feminina e Andrologia da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SEBEM), o estresse está associado ao desenvolvimento de uma série de doenças, prejudicando a qualidade de vida, enfraquecendo o sistema imunológico:

É importante ressaltar que as pessoas extremamente estressadas têm como sintomas a hipersensibilidade emotiva e a irritabilidade. Essa combinação pode ser explosiva e contribui para reações violentas em diversos contextos (Pardini, 2010).

A maior pressão sentida pela mulher, atualmente, não é só pela cobrança de ter que provar sua competência em tudo que faz, mas sim pelo desejo forte de conciliar o trabalho com a família.



Figura 2  
 Fonte: www.pt.dreamstime.com

**Tabela 08 – desgaste físico ou emocional**

| <b>Sofreu</b>           | <b>Quant</b> | <b>%</b>    |
|-------------------------|--------------|-------------|
| Físico                  | 04           | 08%         |
| Emocional               | 12           | 24%         |
| Físico/emocional        | 08           | 16%         |
| Sim (não especificaram) | 14           | 28%         |
| Não                     | 12           | 24%         |
| <b>Total</b>            | <b>50</b>    | <b>100%</b> |

**Fonte:** dados de campo, setembro/2011

Nesta questão está o cerne deste trabalho de pesquisa, demonstrado e comprovado através da tabela 8. No universo de 100% de mulheres, 76% entre elas sofrem ou já sofreram desgastes físico e/ou emocional, causados pela incompatibilidade de atividades profissional e familiar.

As mulheres tendem a trabalhar muito mais horas por semana do que os homens, se somarmos as horas remunerada e as não remuneradas, tendo como consequência menos tempo para o lazer e o sono. A neurologista do Instituto do Sono, Dalva Poyares, constata que as mulheres vão desenvolver muito mais insônia do que os homens. A prevalência é de três para um na idade adulta, haja vista que a mulher não consegue se desligar das pré-ocupações que a aguardam no dia seguinte para dormir tranquilamente (Globo Repórter, 14/11/2011). “As mulheres tem mais dificuldades para relaxar em virtude dos diversos afazeres”, afirma o diretor de serviços médicos da SulAmérica.

O estado de tensão emocional e estresses crônicos provocado por condições de trabalho físicas, emocionais e psicológicas desgastantes são, também, conhecidos pelo termo psicológico como Síndrome de Burnout que se manifesta especialmente em pessoas cuja atividade exige envolvimento interpessoal direto e intenso. Segundo estudiosos, entre os fatores aparentemente associados ao desenvolvimento da Síndrome de Burnout está o conflito entre trabalho e família.

Os sintomas típicos da síndrome de Burnout estão relacionados à sensação de esgotamento físico e emocional que se reflete em atitudes negativas, como ausência no trabalho, agressividade, isolamento, mudanças bruscas de humor, irritabilidade, dificuldade de concentração, lapso de memória, ansiedade, depressão, pessimismo, baixa auto-estima. Dor de cabeça, enxaqueca, cansaço, sudorese, palpitação, pressão alta, dores musculares, insônia, crises de asma, distúrbios gastrintestinais são manifestações físicas que podem está associadas à síndrome (Drauzio Varella.com.br).

A maioria dos sintomas mencionados pelo Dr. Drauzio Varella foram, também, relatados na pesquisa realizada com as mulheres da empresa AAFN da Amazônia Ltda., no quesito: impactos causados pelo acúmulo/excesso de funções, demonstrado na tabela 07.

Bianchini (1999) esclarece que o trabalho é considerado um dos processos de produção do psiquismo individual, fazendo parte de nossa identidade social, sendo, portanto, um dos produtores de nossa saúde ou enfermidade mental.

**Tabela 09 – tempo para cuidar de si mesma**

| <b>Tempo</b> | <b>Quant</b> | <b>%</b>    |
|--------------|--------------|-------------|
| Semanal      | 18           | 36%         |
| Quinzenal    | 12           | 24%         |
| Mensal       | --           | 00          |
| Raramente    | 20           | 40%         |
| <b>Total</b> | <b>50</b>    | <b>100%</b> |

**Fonte:** dados de campo, setembro/2011

Essa estatística demonstra certo equilíbrio entre as mulheres. Tentamos verificar se por idade, se por renda identificaríamos em que faixa se encontrava as que responderam semanal ou raramente, porém está muito bem balanceado. Tanto as mais jovens como as que estão em uma faixa etária mais elevada ou as de menores ou maiores rendas estão presentes em todas as etapas.

Constamos com a pesquisa que as mulheres estão mais preocupadas consigo mesmas; consideramos um bom percentual (60%) que dispensam tempo para cuidar de si, não sabemos se por obrigatoriedade de se fazerem bem apresentáveis no trabalho ou se por espontaneidade de cuidados pessoais. De qualquer forma é bom saber que mesmo sendo “escravas das urgências” e que poucas mulheres conseguem a plena satisfação pessoal, sempre encontram um tempinho na agenda para cuidados pessoais.

Com relação ao questionamento feito sobre a existência de programas de qualidade de vida voltado para as mulheres, verificamos que na empresa pesquisada não há nenhum desses programas a disposição dos colaboradores em geral.

Quando da caracterização da empresa em questão, observamos que o seu maior diferencial competitivo seriam os funcionários que são tratados, principalmente, como seres humanos, conforme informações obtidas no site da empresa:

Responsabilidade Social e Qualidade de Vida no Trabalho fazem parte da gestão estratégica da AAFN da Amazônia Ltda., o que a destacou

nacionalmente, inclusive recebendo reconhecimento tais como dois títulos de - Melhor Empresa para Trabalhar no Brasil-, entre outros (site da empresa, 2011).

A situação atual da empresa se confirma quando Dejours (1992) explicita: “o capital não tolera a moleza do corpo, ele é submetido ao critério de produtividade de forma rigorosa, tudo deve ser recoberto de silêncio”, ou seja, devem ser ignoradas as manifestações do corpo, não se pode diminuir a cadência do trabalho em função de problemas orgânicos. Ainda hoje, a mulher não existe enquanto indivíduo, ela existe enquanto corpus de produtividade.

## **5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**

Apresentaremos a seguir, a síntese dos resultados da pesquisa, suas contribuições e limitações, além das recomendações para estudos futuros.

### **5.1 – Síntese dos resultados**

A pesquisa teve como objetivo principal caracterizar os possíveis impactos causados em razão da incompatibilidade de atividades profissional e familiar nas mulheres trabalhadoras de uma empresa do Pólo Industrial de Manaus, haja vista as diversas jornadas de trabalho, enfrentadas tanto no chão de fábrica como no ambiente familiar/doméstico.

Constatamos, através da pesquisa, que a mulher tem evoluído consideravelmente, seja com relação ao grau de instrução, ascendência profissional ou no que tange ao cuidado pessoal, haja vista que um percentual significativo encontra espaço para se cuidar, mesmo com o tempo limitado. Entretanto, com relação ao acúmulo/excesso de funções a mulher, na era moderna, sofre conseqüências ainda mais graves de desgastes físico e/ou mental, comprometendo sobremaneira seu estado de saúde.

### **5.2– Contribuições e limitações**

A maior contribuição produzida por esse estudo deve ser a evolução do processo de conscientização da própria mulher que, ao longo dos tempos, internalizou sua inferioridade a ponto de ter sua auto-afirmação atrelada ao trabalho forçado e subjugado. Esse estudo deve possibilitar a mulher, uma análise de vida, a fim de que possa se libertar de seus pré-conceitos concebidos no cotidiano feminino.

Apesar de que na empresa pesquisada quatro por cento das mulheres citaram que seus filhos passam o dia inteiro na creche, podemos citar como contribuição produzida por esse trabalho a expansão do que previu a CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) no Capítulo III Seção IV, “da proteção do trabalho da mulher”, o artigo 389, § 1º onde dispõe “que os estabelecimentos em que trabalharem pelo menos 30 mulheres com mais de dezesseis anos, terão local apropriado, onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos no período de amamentação”, tornando-se um importante mecanismo de direito e amparo legal que alivia uma das mais intensas áreas de tensão da mulher, que é a preocupação com os filhos.

Podemos, ainda, descrever como contribuição tanto para a empresa como para as trabalhadoras, a criação de programas de qualidade de vida no trabalho (QVT), voltado para a mulher, visando promover maior grau de satisfação e menor índice de estresse profissional; pois apesar de ser um tema tão debatido atualmente, há ausência dessa prática na empresa pesquisada. Observamos, ainda, que as empresas, geralmente, mantêm em suas dependências enfermarias médicas para os diversos males físicos, porém através da pesquisa sentimos a necessidade de criar, dentro do programa de qualidade de vida, ambientes onde a mulher possa receber acompanhamento psicológico, a fim de amenizar seu estado de doença mental ou até mesmo ser encaminhada para tratamento com especialista, a fim de prevenir/evitar um estágio mais grave, haja vista que a pesquisa apresenta um índice elevado de diagnósticos.

Com relação às limitações, inicialmente percebemos que o tema de nossa pesquisa por se tratar de mulheres já carrega o peso do preconceito, sendo bem aceito no mundo feminino, porém quando ultrapassa esse universo, torna-se polêmico, é tratado como se fosse queixa, é pejorativo, não se pode comprometer, é banal.

Para a realização da pesquisa as limitações ocorreram também no sentido de que não pudemos entrar em contato direto com as mulheres. Tratamos com uma funcionária de cargo de chefia na empresa, a qual se prontificou a receber distribuir e recolher nosso instrumento de pesquisa, se comprometendo a explicar os questionamentos e os objetivos do estudo para as demais colegas. Observamos que se tivéssemos realizado uma pesquisa através de entrevista, o que demandaria

muito tempo tanto para nós como para a empresa, poderíamos ter acesso aos pormenores, detalhes das situações descritas, onde certamente recolheríamos maior número de informações.

### **5.3 Recomendações**

Recomendamos imensamente o tema tratado neste trabalho para futuros estudos, haja vista que apesar de ser bastante discutido através da literatura, demais meios de comunicação social e por diversas Organizações instituídas, a evolução do processo de emancipação é lento no que tange aos direitos, uma vez que, através desse estudo, percebemos que ainda está longe de ser alcançado o estado ideal para a mulher, ou seja, sua liberdade plena, a autonomia e a igualdade de direitos em todos os setores da vida humana.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, L, “**insercion Laboral de las Mujeres em America Latina Uma Fuerza de Trabajo Secundaria?**”: Os estudos do Trabalho, Unicamp, 30/11 e 01/12 de 2000, (Mímeo).

BENEVIDES-EREIRA, A.M.T. (Org) **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.282.p.

BIANCHINI, M.C. **Saúde mental e o trabalho do enfermeiro**. 1999.103f. Dissertação (mestrado). Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho**. Capítulo III Seção IV, “da proteção do trabalho da mulher”, artigo 389, § 1º. Ed: Rideel. 5ª Edição, São Paulo, 2005.

BRASIL. **Constituição Federal - 1988**. Capítulo I, artigo 5º. Ed: Rideel, 5ª Edição, São Paulo, 2005.

BRUSCHINI, C e Lombardi, M.R, “**Trabalho Feminino no Brasil no Final do Século, ocupações tradicionais e novas conquistas**”, Fundação Carlos Chagas, s/data, (Mímeo).

CARLOTTO, M.S. **Síndrome de Burnout e satisfação no trabalho**: um estudo com professores universitários. IN: BENEVIDES-PEREIRA, A.M.T. **Burnout: quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.p.187-212.

CASTELIS, Manuel. São Paulo: Paz e Terra, 1999.v.2.

DEJOURS, Cristophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. Traduzido por Ana Isabel Paraguay e Lúcia Leal Ferreira. 5 ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DOARÉ, Helene Le. **Divisão sexual e divisão internacional do trabalho**: reflexões a partir das fábricas subcontratados de montagem (México – Haiti). In: KARTCHEVSKY-BULFORT, André et al. **O sexo do trabalho**. Traduzido por Sueli Tomazini Cassal. Rio de Janeiro: paz e Terra, 1986.

FERREIRA, Mary. **Quem tem medo nos espaços de poder?** Jornal o imparcial. Araraquara. 2 out.2002.Caderno opinião, p.2 c.3 a 6.

GRION, Laurinda: Mulher: **o caminho para o sucesso**. São Paulo: Ed. Vida e Consciência, 2204.

JULIO, Carlos Alberto. Reinventado você: **a dinâmica dos profissionais e a nova organização**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2002.

OLIVEIRA, M. E.; CARNEIRO, F.; STORTI, R. **Gênero, saúde e trabalho: a dimensão oculta**.Ed.Sindicato dos Bancários SP e Brasiliense, São Paulo,1996.

PERROT, Michelle. **Identidade, igualdade, diferença – O olhar da história**, in: As mulheres ou os silêncios da história, Paris, Flammarion, 1998, p.393-405.

SOUZA-LOBO, Elízabeth. **A classe operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência**. Apresentação de Helena Hirata. São Paulo; Brasiliense, 1991.

TORRES, Iraídes Caldas. **As Novas Amazônidas. Manaus**: Editora Universidade Federal do Amazonas. 2005.

WEBER. Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Coleção Universidade Hoje. Editorial Presença, 1996.

## APÊNDICES

### Instruções para aplicação do questionário

Prezado (a) Senhor (a):

Sou aluna do curso de Graduação em Administração à Distância da Universidade de Brasília e estou desenvolvendo um trabalho de pesquisa sobre os Impactos causados na mulher pela incompatibilidade de atividades profissional e familiar. Essa pesquisa tem o objetivo de dar suporte técnico ao meu Trabalho de Conclusão de Curso.

A aplicação do questionário está direcionada às áreas técnico e administrativa dessa empresa, sendo que as informações colhidas através do questionário aplicado serão analisadas levando em consideração a manutenção total do sigilo e anonimato das pessoas participantes, portanto não há necessidade de identificação pessoal.

Agradeço sua colaboração,

Maria de Nazaré Oliveira da Silva

## ANEXOS

### TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ADMINISTRAÇÃO – UNB

Tema: Os impactos causados na mulher pela incompatibilidade de atividades profissional e familiar

1. Qual a sua faixa etária?

- De 18 a 25 anos                       De 26 a 35 anos  
 De 36 a 45 anos                       Mais de 45 anos

2. Qual o seu grau de instrução?

- nível médio                               superior incompleto  
 superior completo

3.  continua estudando? Está cursando? \_\_\_\_\_

Parou? Por quê? \_\_\_\_\_

4. Qual sua profissão? Sua função?

\_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

5. Quantos anos de trabalho na empresa? \_\_\_\_\_

6. Qual sua remuneração?

- 1 salário                               de 2 a 3 salários  
 de 3 a 5 salários                       mais de 5 salários

7. Qual seu estado civil?

- solteira                       casada                       separada/divorciada

8. Tem filhos? Quantos, quem cuida deles enquanto você trabalha, estuda, etc.?

---

9. Você                      tem                      empregada                      doméstica?  
Baba? \_\_\_\_\_.

10. Quem cuida da casa, roupas, prepara alimentação, etc.?

---

---

---

11. Você acha que a inserção no mercado de trabalho trouxe, realmente, independência, liberdade e autonomia para a mulher?

---

---

---

12. Quais as maiores dificuldades encontradas para que você possa conciliar suas atividades familiares com as exercidas fora do lar (profissão, estudo, lazer)?

---

---

---

---

13. Quais os impactos causados pelo acúmulo/excesso de funções (família, estudo, trabalho)?

---

---

---

---

14. Já sofreu algum tipo de desgaste físico ou emocional?

---

---

---

---

15. Você encontra tempo para cuidar de si mesma?

- ( ) semanal      ( ) quinzenal  
( ) mensal      ( ) raramente

16. Na empresa em quem trabalha tem programas de QVT voltados para a mulher?

---